

APRESENTAÇÃO

Esta obra se origina em material preparado para o concurso de livre-docência do professor Csaba Deák junto ao Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Csaba Deák é professor da FAU-USP desde 1970, sendo que assumiu disciplinas de Planejamento Urbano e Regional a partir de 1978.

O texto para o concurso de livre-docência foi elaborado com três partes: FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E DESDOBRAMENTOS que dizem respeito tanto à elaboração dos conceitos expostos como à própria história do autor. Embora na presente obra a parte sobre a formação seja apenas citada no prefácio da Parte I, permaneceu a opção por apresentar a *busca* pelas categorias do espaço, o que levou a uma organização cronológica do conteúdo. A ênfase é dada ao processo de elaboração da interpretação do espaço. A parte da transformação ganhou o título de CATEGORIAS enquanto a última parte, desdobramentos, de INTERPRETAÇÕES.

O prefácio e as apresentações das partes I e II no corpo da obra são muito esclarecedores. Assim, mais do que apresentar novamente a obra, prefiro apontar algumas pistas que podem auxiliar o leitor a entender as trilhas percorridas e também auxiliar a perceber a riqueza das questões tratadas.

O próprio Csaba Deák costuma usar a expressão (em uma referência a Lukács) “O caçador vê coisas diferentes na floresta”. Os olhos treinados enxergam uma série de coisas que passam despercebidas a um olhar distraído ou com outro foco. Facilitado pela convivência de anos nas disciplinas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, vou me aventurar a indicar algumas questões que merecem atenção nessa busca pelas categorias do espaço.



Partindo de uma atuação profissional na elaboração de planos para diversas cidades e da criação de um modelo de simulação urbana em uma época em que

parecia que o planejamento urbano ganhava força como instrumento de organização racional do espaço no Brasil, Csaba vai buscar entender como se forma o preço da terra para poder trabalhar com a regulação do uso do solo.

Em sua tese de doutorado elaborada na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, acaba fazendo uma crítica à teoria da renda da terra desenvolvida pela economia política (Adam Smith, Ricardo e Marx entre outros). É importante salientar que essa teoria era até então, senão a única, a mais difundida explicação para o preço da terra. Todas as obras que tratam da organização do espaço por meio do preço da terra usam como explicação a teoria da renda da terra. Csaba faz uma interpretação histórica dessa teoria e indica, por meio da crítica a seus pressupostos, sua inadequação como explicação para a formação do preço da terra no capitalismo.

Com essa crítica teve início a busca pelas categorias que pudessem dar conta da produção do espaço no capitalismo. A rejeição da categoria renda (própria do feudalismo) leva à necessidade de definição de novas categorias de análise próprias do capitalismo. Cada modo de produção tem suas próprias categorias de análise. É por meio da análise da produção capitalista que o autor vai buscar as categorias de análise da produção do espaço. O autor trabalha então com as categorias localização e com o preço da localização, que regula o uso do espaço por meio do mercado. Para exemplificar o alcance dessa análise com base nas novas categorias propostas, basta dizer que o preço da localização entra como parte integrante do preço de produção das mercadorias, diferentemente do postulado pela Teoria da Renda, que afirma que a renda da terra (que determinaria o preço da terra) é definida pelo preço das mercadorias produzidas nessa terra. Assim Csaba indica a necessidade de incluir a localização e seu preço na própria definição dos custos dos processos de produção individuais.

Ao analisar esses custos o autor trabalha com a distinção entre capital fixo e capital circulante que não deve ser confundida com a distinção entre capital constante e capital variável. Na distinção entre capital constante e variável o que importa é distinguir o capital que é investido na produção, mas que não sofre valorização (todo o capital investido na produção exceto o empregado na contratação da força de trabalho) – capital constante; e o capital empregado na contratação da força de trabalho e que se valoriza por meio da apropriação, por parte do capitalista, da mais-valia (diferença entre o valor produzido pelo trabalho e a remuneração paga ao trabalhador por esse trabalho realizado) – capital variável (segundo a teoria do valor). Na distinção entre capital fixo e capital circulante o que importa é a distinção entre o capital investido em meios de produção que duram mais de um período de produção (máquinas, edifícios, localização, etc.) – capital fixo; e o capital investido em meios de produção que são consumidos a cada período de produção (trabalho, matéria-prima, energia, água, etc.) – capital circulante. Com a distinção entre capital fixo e capital circulante podemos calcular a rigidez do capital, isto é, o grau de resistência à substituição imediata do capital fixo frente ao surgimento de uma técnica de produção mais rentável. É por meio dessa distinção que Csaba analisa a evolução dos processos de produção, a substituição de uma técnica por outra mais

produtiva e as condições para que essa troca ocorra. Como a taxa média de lucro na sociedade é uma das variáveis dessa dinâmica, a evolução dos processos individuais de produção se relaciona diretamente à dinâmica social. O presente trabalho não aborda o tema 'capital fixo', que pode ser encontrado na tese de doutorado do autor¹. Cito o tema aqui porque também a localização se constitui como um item do capital fixo (compra da localização) ou do capital circulante (aluguel da localização) conforme a forma de pagamento por ela e essa forma de acesso à localização incide sobre a rigidez das correspondentes técnicas de produção e, assim, sobre a definição dos próprios processos produtivos e sobre a organização espacial da sociedade.

Por outro lado, o autor vai estudar o papel do Estado, cuja função é propiciar as condições para que a formação social se reproduza. No que diz respeito à organização espacial, é a ação do Estado que vai produzir o espaço por meio da implantação de infraestrutura (unificando o território segundo princípios de organização capitalista) e vai regular o uso do espaço por meio de legislação de uso do solo, de impostos diferenciados, etc.

Csaba tem um texto de fácil leitura mas de extrema elaboração e cuidado com as palavras e expressões. O leitor não encontrará, por exemplo, a palavra cidade no texto, a não ser em citações de outros autores. Csaba vai citar as aglomerações urbanas mas não as cidades, uma vez que entende que não há no capitalismo qualquer contraposição entre cidade e campo ou entre urbano e rural. A contraposição destes termos faz sentido no feudalismo, onde existia, no campo, uma produção de subsistência com geração de excedente (excedente apropriado pelos senhores feudais). Somente uma pequena parcela da produção no campo se tornava mercadoria, isto é, era comercializada. Por outro lado, nas cidades havia uma produção de mercadorias – produção feita para ser comercializada. Havia, então, princípios de organização da produção distintos na cidade e no campo, embora pertencessem ao mesmo modo de produção. No capitalismo, o máximo que existe é uma diferenciação de densidade de ocupação no espaço – daí as “aglomerações urbanas” – mas não princípios de organização distintos. Para Csaba todo o espaço capitalista é urbano, isto é, tem o mesmo princípio de organização. Falar em espaço urbano é então, redundante.

Csaba enfrenta o problema da periodização do capitalismo buscando identificar momentos de inflexão na dinâmica do capitalismo. Essas inflexões se refletem na organização do espaço. Ele resgata a periodização proposta por Michel Aglietta, que identifica dois estágios na dinâmica capitalista – estágio de acumulação predominantemente extensivo e estágio de acumulação predominantemente intensivo ou, simplificando, estágios extensivo e intensivo. A esses estágios Csaba acrescenta a época contemporânea, interpretada como o

¹ DEÁK, Csaba (1985) *Rent Theory and the Price of Urban Land*, King's College, University of Cambridge, UK

período de crise do estágio intensivo e do próprio capitalismo. Este prefácio não é o lugar para uma análise mais detalhada dessa periodização ou para uma crítica a outras periodizações comumente utilizadas, mas é importante ressaltar o que fica aparente nessa periodização. O estágio extensivo corresponde à própria extensão das relações capitalistas à parcelas crescentes da sociedade (a toda a sociedade no limite), ou seja, à expansão da produção de mercadorias e do trabalho assalariado principalmente. É quando se dá o processo de urbanização das sociedades e o início da industrialização. É também quando se dá a unificação do espaço nacional rompendo, nos países de origem deste modo de produção, com a fragmentação dos territórios feudais, ou criando as nações capitalistas, territórios unificados pela implantação de infraestrutura necessária e suficiente para que o processo de reprodução capitalista ocorra. A acumulação nesse estágio se dá pela extensão do mercado (incorporação ao assalariamento de parcelas cada vez maiores da população) e pelo aumento da produtividade, isto é, uma mesma quantidade de trabalho gera uma produção maior (desenvolvimento dos processos produtivos por meio da incorporação de tecnologia e organização do trabalho).

Esse estágio tem como limite o esgotamento dos processos de urbanização e assalariamento. Quando praticamente toda a força de trabalho já é assalariada e, portanto, já está urbanizada, quando a maior parte da população vive em aglomerações urbanas, praticamente se esgota o processo de acumulação pela extensão do mercado. Resta a acumulação dada pelo aumento da produtividade. Isso implica em uma reorganização das condições de produção, inclusive do espaço. As condições de reprodução da força de trabalho se alteram pela necessidade de uma mão-de-obra mais qualificada para dar conta dessa nova organização da produção. Novas técnicas, máquinas mais sofisticadas levam a necessidade de políticas de educação, saúde, transportes, renda mínima, etc. Dito de outra forma, levam à necessidade de uma maior intervenção do Estado na organização da produção, isto é, à necessidade de planejamento. Esse é o estágio intensivo.

Nesse estágio fica mais evidente o antagonismo ou a dialética entre o mercado e o Estado. O papel do Estado no capitalismo, como já indicado acima, é propiciar a reprodução das condições de existência do mercado ou, em outras palavras, a condição de produção de bens para serem vendidos no mercado. Mas ao atuar na produção dessas condições por meio da produção de infraestrutura, da produção do espaço, etc. o Estado abarca uma parcela cada vez maior da produção social, tirando essa parcela do domínio da produção de mercadorias. Esse antagonismo é central na interpretação do capitalismo para Csaba.

A crise do estágio intensivo, também já referida acima, é uma crise de superprodução ou estreitamento das possibilidades de investimento do capital na produção de mercadorias. Com a produção social crescente no âmbito do Estado e decrescente no âmbito do mercado em termos proporcionais, o próprio princípio de organização do modo de produção capitalista entra em xeque. Isto é, entra em xeque a produção de bens na forma de mercadorias. Surge então a defesa da diminuição da produção no âmbito do Estado, as políticas de

privatização, a defesa do Estado mínimo, ou seja, o neoliberalismo que pelo exposto acima já fica denunciado como discurso vazio – o Estado cresceu o necessário para suportar o próprio mercado.

Assim, partindo do conceito de modo de produção – cada formação social tem um modo de produção dominante por meio do qual consegue reproduzir a si própria – o autor busca compreender a produção e estruturação do espaço no modo de produção capitalista. O espaço de cada formação social é estruturado de acordo com as necessidades de reprodução dessa mesma sociedade. O espaço é o espaço da produção e da reprodução sociais. Para analisarmos como se produz e como se estrutura o espaço de determinada sociedade é necessário compreender como está estruturado o processo de produção e reprodução dessa sociedade.

Através desta periodização do capitalismo, Csaba interpreta e lança luz para a evolução das ideologias dominantes nos dois estágios e no atual período de crise, mostrando a estreita relação entre as necessidades de reprodução social, a ação do Estado, a organização do espaço e a ideologia dominante. O autor mostra a estreita relação entre os estágios de desenvolvimento e o atual período de crise com as ideologias dominantes: estágio extensivo / liberalismo; estágio intensivo / social-democracia; período atual de crise / neoliberalismo.

Voltando ao Brasil surge uma nova busca – quais as especificidades da formação social brasileira e assim, as especificidades da produção e estruturação do espaço no país. O autor chega a fazer referência ao realismo fantástico da literatura latino-americana na tentativa de caracterizar essa sociedade onde a ideologia liberal foi dominante em plena vigência do trabalho escravo, onde as leis são extremamente detalhadas (inclusive as relativas à regulação do espaço) mas onde a ilegalidade ou informalidade é a regra, onde a ideologia neoliberal (que surge como tentativa de superação da crise do estágio intensivo, lembremos) é abraçada e torna-se dominante sem nunca termos entrado no estágio intensivo. Csaba vai atrás da caracterização dessa sociedade partindo de idéias extraídas do trabalho de alguns autores brasileiros – Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira, Nícea Vilela Luz e Emília Viotti são os principais – mas chegando à elaboração de uma interpretação própria.

A interpretação parte da análise histórica da formação da sociedade brasileira, fruto da exploração colonial portuguesa. Uma sociedade criada com o objetivo de gerar uma produção de excedente a ser enviada à metrópole, Portugal. Um dos artifícios utilizados para a manutenção da dependência da colônia com relação à metrópole foi a proibição do desenvolvimento de qualquer produção que não fosse estritamente necessária ao objetivo de exportar o excedente. Tivemos na época colonial a proibição de implantação de indústrias, cursos superiores, estradas, imprensa, etc. Qualquer coisa que pudesse significar um ganho de autonomia para a colônia deveria ser proibida.

A independência em 1822 ao invés de significar uma ruptura da organização social existente, significou a internalização do aparelho de Estado e a

manutenção dessa organização. Permaneceram políticas de suporte à produção de produtos primários para exportação e à importação de praticamente todos os outros produtos. Com essa estrutura de produção perpetua-se o que Csaba chama de expatriação de excedentes, isto é, o excedente produzido, que antes da independência era enviado para a metrópole, agora é eliminado por meio de uma série de artifícios (dívida externa, remessa de lucros, etc.). O Brasil ao tempo em que consolida o capitalismo com a adoção do trabalho assalariado (restrição a tráfico de escravos e posterior abolição da escravatura), a propriedade privada da terra (lei de Terras), o início de formação de um mercado interno, em outras palavras, o Brasil ao ingressar no estágio extensivo do capitalismo, não utiliza os excedentes gerados para a acumulação e ampliação da produção. Ao contrário, se desfaz de parte do excedente.

A mesma contradição que o Estado português enfrentava em seus atos ao dotar a colônia com infraestrutura para ampliação da produção, mas simultaneamente proibir a construção de infraestrutura como meio de impedir a autonomia da colônia está presente cotidianamente na prática do Estado brasileiro em todas as suas instâncias, não mais para impedir a autonomia, mas como meio de manutenção do *status quo*.

Por meio dessa interpretação das características da formação social brasileira e da organização da produção no Brasil, Csaba chega à formulação de que no Brasil, embora tenhamos um modo de produção capitalista em que predomina a produção de mercadorias e o trabalho assalariado, o princípio de organização da produção e da reprodução social é a *acumulação entravada*. Temos geração de excedente e acumulação, mas não de todo o excedente. Evitamos o pleno desenvolvimento como forma de manutenção da própria formação social. A essa formação social Csaba dá o nome de *sociedade de elite* para indicar que se trata de algo distinto da sociedade *burguesa* existente nos países capitalistas centrais onde o princípio de organização da produção e da reprodução social é o pleno desenvolvimento das forças produtivas por meio da acumulação desimpedida. Fundamental é a percepção de que o entrave é endógeno. É a nossa sociedade que reproduz os entraves à acumulação desimpedida.

Os desdobramentos dessa interpretação com relação à organização do espaço são esclarecedores. O baixo nível de reprodução da força de trabalho aliado à precária infraestrutura e à extrema heterogeneidade na distribuição dessa infraestrutura caracterizam a organização do espaço no Brasil.

A ação dos especuladores, a informalidade na produção e uso do espaço, a heterogeneidade na estruturação do espaço, não são causas dos problemas de organização do espaço, mas conseqüências das políticas adotadas. Também a falta de recursos, a velocidade e intensidade das transformações não são as causas desses problemas, antes fazem parte da ideologia, do discurso que encobre as práticas de reprodução da *sociedade de elite*.

Mas se a acumulação entravada é possível durante o estágio extensivo em que a taxa de excedente é alta, ela entra em xeque junto com o esgotamento desse

estágio no Brasil por volta do final da década de 1970. Com a extensão da formamercadoria, o predomínio do trabalho assalariado, a concentração da população nas aglomerações urbanas, o processo de extensão das relações capitalistas no Brasil chega ao fim e com ele as altas taxas de excedente que permitiam a divisão entre expatriação e acumulação. A partir desse momento o país se defronta com uma crise (as décadas perdidas do final do século XX) cuja solução implica no abandono da acumulação entravada, seja pela transformação social que leva ao estágio intensivo, seja pela estagnação que leva ao declínio da acumulação.

Assim Csaba, por meio da análise da dinâmica do capitalismo e das particularidades de nossa formação social chega à sua interpretação das questões e processos em curso no Brasil e particularmente à interpretação das questões relativas à estruturação do espaço no Brasil.

Produção, capitalismo, estágios de desenvolvimento, ideologia, organização do espaço, interpretação da formação social brasileira e seu processo de reprodução, crise atual, estruturação do espaço no Brasil. O autor com seu olhar treinado desvenda as categorias de interpretação do espaço e nos propicia caminhar com desenvoltura por ele.

Nuno Fonseca, 2015